

**CRÍTICA
RADICAL**

para pensar o impossível
para fazer o impossível
para pensar o impossível
para fazer o impossível

**COMO ENTENDER
O MUNDO?
O QUE FAZER PARA
TRANSFORMÁ-LO?**

EMANCIPE-SE!

ANTEPROJETO CRÍTICA RADICAL



Nós não cabemos na formatação fetichista em que vivemos. Daqui advém uma dialética entre indivíduo e sujeito.

Dessa contradição advém uma tensão entre não viver e a busca por viver; uma disputa entre a sujeição às categorias capitalistas e a revolta contra elas através da crítica categorial; uma indignação entre se ajustar totalmente aos valores impostos pela sociedade e o desejo de dela sair; uma submissão inconsciente que justifica a convivência e tolerância com a administração da barbárie existente e a construção diária da teoria com sua praxis emancipatória. Isso é o que, entre inúmeras outras questões, constituem aspectos dos fundamentos do EMANCIPE-SE – anteprojeto crítica radical.

EMANCIPE-SE!

ANTEPROJETO CRÍTICA RADICAL

Nosso anteprojeto jamais seria apresentado sem a colaboração de vários amigos e amigas. Não temos como relacioná-los aqui. Mas temos que registrar que não lhes cabe nenhuma responsabilidade na sua elaboração. Do anteprojeto vamos elaborar o projeto. Para isto apostamos nas críticas e sugestões advindas dos lançamentos e debate que serão realizados.

Nessas eleições o ninguém nos representa foi a manifestação que nocauteou a política. A obrigatoriedade do voto foi derrotada. Uma parcela ponderável da população ignorou as eleições. Inúmeros votantes não deram seu voto a nenhum dos candidatos. Os eleitos ficaram com precária representatividade. Com isso, os descrentes na política, nos governantes, nos políticos e seus partidos foram os verdadeiros vencedores nas eleições municipais do Brasil.

No 1º turno, a soma do não voto com votos brancos e nulos totalizou 41,6 milhões. O protesto superou o candidato colocado em primeiro lugar em nove capitais do país, entre as quais S. Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Fortaleza teve o maior índice de rejeição eleitoral neste século, com um em cada quatro eleitores protestando.

No 2º turno o protesto alcançou 32% em média no Brasil. No Rio, alcançou 41,53% ultrapassando a soma dos votos dos dois candidatos que foram para o 2º turno.

Em percentual, o não voto, com nulo e branco é o maior desde que lançamos o Manifesto Contra a Política em 1999, em Fortaleza.

Como entender isso? O

Brasil havia aceitado a política como único meio de regulação social. Dentro dessa formação, a política era considerada como natural, transhistórica. E, por outro lado, o Brasil também entendia que o capitalismo sempre apresentava um tipo de crise, as chamadas crises cíclicas do sistema. E que, para superá-la, bastava trocar uma política por outra. O resultado das eleições abalou profundamente essas convicções. Agora, estamos nos aproximando do momento em que a luta contra a política e seu sistema, para ser vitoriosa, tem que superar a utilização dos seus próprios meios, ou seja, não pode ficar presa à própria forma capitalista.

Hoje o capitalismo apresenta uma crise bem diferente de todas as crises anteriores. Ela se apresentou em 2008 e colocou o capitalismo perante sua fronteira histórica. Inúmeros sinais de perigo afloram. Enormes faíscas se apresentam por todo lado. Sinalizam que a dinâmica do sistema pode parar de supetão. Produzem, no dia a dia, indicativos que podem explodir de repente. A

insistência na sua manutenção vem arrastando a humanidade e o planeta para o genocídio, o ecocídio e a barbárie. Sua decomposição é evidente.

Esse sistema, por causa da concorrência, aumentou a produtividade ao infinito. Com isso, acabou provocando uma drástica redução do valor (que se expressa no dinheiro) e da mais valia (que se expressa no lucro) nele incluídos. Eles estão zerando. Eis aí a subversão capitalista que está derrotando o próprio capitalismo. Ele subverte todos os seus fundamentos enquanto moderno sistema fetichista patriarcal produtor de mercadorias.

A elite capitalista e seus seguidores intelectuais e acadêmicos se tornaram incapazes para uma saída frente a essa nova crise. A mídia apenas registra o baixo crescimento, a estagnação, a alta taxa de desemprego, a corrupção, a contração dos mercados. Ela não explica a causa do giro em falso da economia e do fracasso da política.

Por outro lado, também as forças de esquerda com seus partidos políticos, sindicatos e movimentos sociais não conseguem configurar uma oposição consequente contra a

crise do capital e seu sistema. Não se dispuseram e resistem a acertar contas com a bancarrota de suas respectivas propostas de modernização.

Depois do tacão militar, do embuste da Nova República, do pesadelo colorido, do apagão tucano, da deterioração petista e da ausência de autocritica da esquerda, vem o Governo Temer, com seus integrantes e apoiadores cometendo suicídio ao lado do capitalismo.

Assim como ele, todos os poderes do mundo estão unidos na defesa do domínio capitalista. Afinal, todos têm um só lema: capitalismo, capitalismo, capitalismo.

O capitalismo no século XXI perdeu sua dinâmica e alcançou sua fronteira histórica em decorrência da sua própria contradição em processo. A lógica de seu processo de acumulação se extingue. A relação social fundamentada no dinheiro fica sem horizonte. A enorme acumulação de meios que o sistema dispõe não torna a vida mais bela, mais humana, plena de sentido. Ao contrário, a insistência na continuidade do sistema passou a

comprometer a vida da humanidade e da natureza.

Com isso, a árvore dourada da vida ancorada nas categorias capitalistas tornou-se cinzenta. Verde é a nova ideia de ruptura emancipatória que apreende, combate e suplanta a totalidade do moderno sistema fetichista patriarcal produtor de mercadorias.

AS SOCIEDADES PRÉ-MODERNAS E OS SINAIS DO ADVENTO DO CAPITALISMO

As sociedades pré-modernas não existiam em todo o planeta. Não possuíam consciência histórica. Não dispunham da história como uma explicitação de seus processos de evolução e formação socioeconômicas.

Além do mais, não estavam em conflito consigo mesmas, ou seja, com sua própria forma. Uma dinastia podia suceder a outra, mas a forma social como tal não era colocada em questão. A sociedade, sob tais pressupostos, aparecia sempre como sociedade em geral, não como forma específica que também poderia ser totalmente diversa.

As sociedades pré-modernas eram capazes de

reproduzir-se por períodos incrivelmente longos (no caso do Egito, por séculos) sem ruírem a partir de dentro; seu declínio, pois, era condicionado antes de tudo por causas externas.

As culturas agrárias pré-modernas possuíam uma reflexão que não fazia a crítica da sociedade. Antes, era uma reflexão imediata sobre Deus, ou sobre o universo, sobre a posição do homem no cosmos, sobre o enigma da morte, etc. Era necessariamente, portanto, uma reflexão religiosa e com conteúdo religioso que permaneceu vinculada à estrutura socioeconômica pressuposta sem crítica.

Nas sociedades pré-modernas havia, desde épocas distantes, a troca local e, do mesmo modo, o comércio exterior (especiarias, seda, minérios, armas, etc). Grécia, Egito e China desenvolveram um notável comércio onde o dinheiro, sob diversas formas, foi utilizado como mediação entre as mercadorias. No entanto, nessas sociedades pré-modernas, em geral, o volume de trocas permaneceu pequeno. Afinal, eram sociedades essencialmente

agrícolas, baseadas no «trabalho» servil e organizadas por um Estado despótico.

Assim sendo, nunca se formou, abrangendo toda a sociedade, um sistema produtor de mercadorias como é o capitalismo. E o trabalho não constituía uma esfera separada. Como chama a atenção o Manifesto contra o Trabalho (Krisis) trabalho não é, de modo algum, idêntico ao fato de que os homens transformam a natureza e se relacionam uns com os outros através de suas atividades. Enquanto existirem seres humanos, eles construirão casas, produzirão vestimentas, alimentos e muitas outras coisas, criarão filhos, escreverão livros, discutirão assuntos, cultivarão hortas e jardins, comporão música e tanto mais. Isto é banal e se entende por si mesmo. O que não é óbvio é que a atividade humana em si, o puro «dispêndio de força de trabalho», sem que se leve em consideração qualquer conteúdo e independentemente das necessidades e da vontade dos envolvidos, se torne um princípio abstrato que domina as relações sociais. (...) Somente o moderno sistema produtor de mercadorias criou, com seu fim em si mesmo de transformação permanente da energia humana em dinheiro,

uma esfera particular, 'dissociada' de todas as outras relações sociais e abstraída de qualquer conteúdo, a esfera do assim chamado trabalho – uma esfera da atividade não autônoma, incondicional, desconectada e robotizante, separada do restante do contexto social e obedecendo a uma abstrata racionalidade funcional de «economia empresarial», independente e para além das necessidades.

O trabalho não poderia então ser encarado como um princípio ontológico da sociedade humana. Ao contrário, possuía um significado de inferioridade social e dependência. Estas sociedades conheceram a invenção de máquinas que aumentavam a produtividade. Mas elas não causaram nenhuma revolução no modo de produção como em séculos posteriores.

Durante longos séculos, a mercadoria permaneceu um fenômeno de "nicho", limitada à circulação, isto é, uma troca ocasional de produtos quase sempre obtidos por apropriação direta (escravidão, servidão).

O desenvolvimento da mercadoria e do dinheiro foi

submetido, no final da Antiguidade, a um declínio que durou aproximadamente mil anos. Contudo, nesse período, particularmente a partir do século XIII, foram surgindo elementos fundamentais para o nascimento do capitalismo. Inicialmente nos mosteiros, onde, pela primeira vez, atribuiu-se ao trabalho um significado moral – exatamente na qualidade de sofrimento. E o trabalho nos mosteiros era acompanhado de uma organização regular do tempo. Esta fazia parte desse fenômeno mais vasto que era a introdução do "tempo abstrato", visível também na invenção e difusão dos relógios. Mas, um novo e decisivo elemento rompeu com a caminhada lenta na direção do capitalismo.

UMA FORÇA DESTRUTIVA ABRE CAMINHO PARA O CAPITALISMO

O advento da modernidade alterou completamente essa situação, não através de uma força produtiva, mas, pelo contrário, destrutiva. O que abriu o caminho para a modernização foi o homem branco e ocidental com sua economia das armas de fogo. Foi através da invenção

e uso das armas de fogo que se destruíram as formas pré-capitalistas de domínio. A cavalaria feudal tornou-se militarmente ridícula. Estava selado o destino dos exércitos trajados de armaduras. Mas, a arma de fogo não estava nas mãos de uma oposição "de baixo" que fizesse frente ao domínio feudal.

Isto fica evidenciado na medida em que as armas de fogo não podiam ser produzidas em pequenas oficinas. Ao contrário, elas exigiam uma indústria de armamentos em grandes fábricas. Tanto as armas, quanto a construção de fortificações, deviam ser pagas em dinheiro, bem como os mercenários. O dinheiro começava, assim, muito mais do que durante a Antiguidade, a penetrar com profundidade na sociedade e a dissolver a vida agrária localizada. Indústrias armamentistas, corridas armamentistas e manutenção de exércitos permanentes organizados, divorciados da sociedade civil e ao mesmo tempo com forte crescimento, conduziram necessariamente à dependência do dinheiro.

A produção de mercadorias e a economia

monetária (elementos fundamentais do capitalismo) passaram a existir porque contaram com a economia militar e de armamento. Através delas, as pessoas foram forçadas a trabalhar para ganhar dinheiro.

Evidentemente, as pessoas não se deixaram levar de livre e espontânea vontade pelas exigências da nova economia armamentista e financeira. Só podiam ser forçadas a isto por meio de uma repressão sangrenta. Eis aqui a origem das guerras camponesas, no início da modernidade, até as agitações dos ludistas (chamados "quebradores de máquinas") e a caça às bruxas. Por meio da caça às bruxas a igreja forneceu o impulso decisivo para a destruição da antiga imagem mística do mundo e, nesse sentido, foi plenamente propícia aos novos poderes e novas ideias.

O nascimento do capitalismo está vinculado, portanto, à violência. Foi a repressão que transformou os pequenos produtores em trabalhadores. Para isso, eles foram expulsos de suas terras e tiveram cortados seus direitos à caça, à pesca e à lenha. A finalidade destas medidas era

forçá-los a venderem a única coisa que ainda lhes restava – sua força de trabalho. A junção entre mercadoria, dinheiro, trabalho e dissociação sexual está na origem da valorização do valor, da valorização do dinheiro e, portanto, do capitalismo. No entanto, outros fatores contribuíram para o surgimento e desenvolvimento do capitalismo. Entre eles cabe destacar a mudança nas formas de consciência e o disciplinamento dos seres humanos. Papel importante cumpriu, neste sentido, o sistema escolar e educacional para o adestramento espiritual e aprendizado de parâmetros comportamentais com a finalidade de se ajustar a vida inteira ao trabalho.

O nascimento da ciência moderna e sua visão quantitativa da natureza estavam vinculados ao surgimento do valor abstrato na vida social. A concepção de Galileu sobre a natureza e de Newton sobre a força gravitacional surgiram na época em que o mundo passava a se unificar sob o governo de uma única força – o dinheiro. Além disso, a glorificação do trabalho, a mudança do mundo mediante

o trabalho e a defesa de virtudes indispensáveis para se obter esses objetivos ganharam, no Renascimento, uma força considerável.

A partir desse momento, torna-se decisivo interiorizar nas pessoas as exigências do trabalho. Jeremy Bentham, Hobbes, Rousseau, Kant, dentre muitos outros, pregaram uma nova submissão: não mais a um senhor de carne e osso, nem a um Deus, mas ao novo fetiche, ao mecanismo impessoal, sob o aspecto de "razão", "vontade geral", "progresso" e "Estado". A razão dos iluministas era também a transfiguração da irracionalidade da valorização.

A DINÂMICA DAS SOCIEDADES MODERNAS E A CRÍTICA SOCIAL

Esse novo período nasce carregando consigo uma dinâmica sem precedentes. Ela teve por base a moderna revolução industrial. Através dela a vida social e a relação com a natureza foram submetidas ao movimento de valorização do dinheiro. Esse movimento se torna insaciável e se reproduz com formas sempre novas, em estágios evolutivos cada vez mais acentuados. Para dar resposta a tudo isso, a nova

sociedade inaugura seus novos conceitos de revolução, processo, movimento, espaço, tempo, cultura, educação, arte, etc. A partir daí o novo pensamento de crítica social inventa a história linear e o progresso, o olhar voltado para o futuro e a crítica de cada situação alcançada como mero estágio transitório para uma respectiva situação nova e supostamente superior. Papel importante coube às máquinas a vapor que revolucionaram a produção industrial, seus modos de produção e troca.

Porém, a crítica social inaugurada pela modernidade dá origem a duas críticas sociais antagônicas. Uma, que ensaiava a crítica radical das formas básicas desta sociedade. Outra, que criticava a insuficiência e subdesenvolvimento da mesma. A primeira, que no início permaneceu oculta e durante um bom tempo reprimida, só recentemente foi (re)descoberta e por isso só agora dá os seus primeiros passos. A segunda sobreviveu e se desenvolveu até agora como uma reflexão imanente ao capitalismo. Sua fundamentação está baseada na teoria da modernização

capitalista, destacadamente no socialismo com suas variantes (marxista, socialista, bolchevista, stalinista, trotskista, maoísta, foquista, etc.) e seus discordantes anarquistas.

As duas teorias se voltam para uma mesma base de estudos que é o capitalismo. Porém, o capitalismo não ingressou na história em estado puro, mas sim através de uma miscelânea de momentos capitalistas, pré-capitalistas, modernos e pré-modernos. Isso ocasionou uma disparidade entre os vários países continentais da Europa que eram subdesenvolvidos em relação à Inglaterra e também nos demais países do mundo, que eram ainda mais atrasados do que os subdesenvolvidos europeus. Nessa não simultaneidade interna e externa do capitalismo reside a gênese dessas teorias. Dessa contradição emanam o Marx exotérico e o Marx esotérico. Daqui advêm suas distintas abordagens, com duas teorias diferentes: uma, a teoria da suplantação do capitalismo; outra, a teoria de sua modernização.

Essa contradição ainda persiste. Mas, até recentemente vinha prevalecendo a reflexão teórica interna das formas

capitalistas. Consequentemente, a crítica ao capitalismo acabou não se referindo ao todo lógico e histórico desse modo de produção, mas sim sempre apenas a determinados estágios de desenvolvimento já percorridos ou a serem superados. Com isso, a vida do capitalismo se prolongou.

O CAPITALISMO SEM LIMITES

O objetivo da produção moderna foi transformar dinheiro em mais dinheiro mediante o trabalho produzindo mercadorias. Isso porque o dinheiro passou a constituir, no capitalismo, a forma visível de uma abstração social, o valor, que é o fundamento do capitalismo. E isso só foi possível porque, no capitalismo, o trabalho se representa no valor. E a valorização do dinheiro surge, então, como uma forma de riqueza constituída pelo dispêndio do trabalho humano direto, tendo por base o tempo de trabalho. Ao mesmo tempo em que o capitalismo com esse objetivo cria a esfera separada do trabalho, dissocia todas as demais atividades de produção, reprodução e

cuidado com a vida, delegando-as às mulheres. Nisto reside o coração do sistema capitalista, a produção do valor, a valorização do dinheiro.

No entanto, para obter o lucro, a venda dos bens produzidos deve render mais dinheiro do que o custo de sua produção. Alcança este objetivo a empresa que faz ofertas mais baratas de mercadorias. Quem decide, face à concorrência, é a produtividade. Para produzir grande quantidade de produtos com pouco dispêndio de trabalho vivo, ou seja, poucos trabalhadores e muitas mercadorias baratas, toma-se indispensável o uso cada vez maior de máquinas. Portanto, a diminuição dos custos exige que menos trabalhadores produzam mais produtos.

Apesar desta contradição, o sistema se expandiu. E se expandiu porque a capacidade de racionalização era, neste momento, menor que a expansão do mercado. Com isso, a indústria absorveu antigos ramos de produção artesanal, criou novos setores produtivos, inventou produtos jamais imaginados e infundiu a sede de comprar nos consumidores. O processo de aumento de produtividade, expansão e saturação dos

mercados, criação de novas necessidades e nova expansão parecia não ter limite.

O FORDISMO E A CONCORRÊNCIA NA MODERNIDADE

Em 1886, o engenheiro alemão Carl Benz construiu o primeiro carro. Em 1900, o engenheiro norte-americano Frederic Taylor criou um sistema, o taylorismo, que separava as áreas de trabalhos específicos, o que resultou no aumento da produção. Em seguida, o empresário Henry Ford introduziu a esteira rolante, originando um novo método de produção, o fordismo. Os resultados foram surpreendentes. De 10 mil carros por ano, a indústria fordista pulou para 248 mil carros em 1914. Os novos métodos deflagraram uma nova revolução industrial. O aumento de produtividade barateou uma enorme quantidade de produtos, ampliou o mercado e criou um número espantoso de novos empregos. O capitalismo viveu sua época de ouro e os trabalhadores obtiveram suas maiores conquistas.

A Inglaterra conservou por um bom tempo a vantagem que lhe advinha do fato de ter sido a primeira nação a inundar os mercados mundiais com suas mercadorias. França, Estados Unidos e Alemanha foram os países que, no século XIX, também construíram um capitalismo industrial. Na sequência, as outras economias tiveram que contar com um nível de produtividade estabelecido pelas nações industrializadas. Tornava-se, portanto, necessário investir, antes mesmo de começar a produzir, em infraestrutura e capital fixo que deveriam estar no mesmo nível dos países mais desenvolvidos. Em outras palavras, esses países tinham um atraso a suprimir, que era tão grande, quanto o tempo que ia demorar para entrar na competição. Assim, o Japão e a Itália foram os últimos países que conseguiram entrar no grupo de "linha de frente", tornando-se os demais países perdedores na disputa pela concorrência. No século XX, tinha se tornado impossível implantar o modo de produção capitalista num país sem que a sua economia fosse imediatamente sacudida pelo fluxo de mercadorias baratas provenientes dos países industrializados.

Após o início do século XX, o fordismo avança e o capitalismo se modifica. Na época, a transformação do modo de produção capitalista alterou o sistema de referência dos conflitos sociais. Com isso, imperialismo, economia de guerra, fordismo, taylorismo etc., polarizaram a humanidade. Isso criou uma oportunidade para uma transformação também da teoria. Ora, se o objeto da crítica se modifica, é claro que a própria crítica tem que se modificar. Mas não se modificou. A imanência ao sistema impediu a formulação teórica e a ação para a transcendência ao capitalismo.

Após a Segunda Guerra Mundial, sob a égide da Guerra Fria, todo esse processo revelou-se através da conjuntura formada pelos "três mundos", que marcou a segunda metade do século XX, notadamente: o "Primeiro Mundo" do velho centro capitalista, sob o comando dos EUA; o "Segundo Mundo", representado pelo capitalismo de estado e/ou socialismo de estado, sob o comando da URSS; e, finalmente, o "Terceiro Mundo", composto por movimentos pós-coloniais de libertação nacional e por

ditaduras desenvolvimentistas das mais diferentes tendências.

A MODERNIZAÇÃO CAPITALISTA

Diante do desenvolvimento diferenciado do capitalismo, ganhou força a ideia de que um país só poderia fazer parte da modernidade se contasse com um aparelho estatal sustentado por um poder absoluto. Só assim estaria garantido um espaço protegido de qualquer concorrência exterior. Com isso, estariam sendo asseguradas e criadas as condições indispensáveis para o desenvolvimento capitalista e/ou socialista desses países.

Com efeito, foi o que aconteceu na Rússia, na China e em muitos países da periferia capitalista. A mercadoria, o dinheiro, o valor, o trabalho, o Estado, o mercado, etc., não foram abolidos. Muito pelo contrário, procurou-se desenvolvê-los até o nível ocidental. A economia mercantil não seria superada, mas sim dirigida pela "política". Repetiu-se na Rússia uma espécie de "acumulação primitiva" que implicou na transformação forçada de milhões de camponeses em operários de fábrica e na difusão de uma

mentalidade adaptada ao trabalho abstrato. Os recursos da sociedade eram canalizados para a construção das infraestruturas e da indústria pesada (de base) em um nível que uma economia privada jamais teria podido alcançar. A redução do comércio exterior ao mínimo, sob o controle do Estado, permitiu a este enorme país fazer crescer uma indústria que teria desaparecido no mesmo instante se ela tivesse que fazer frente, imediatamente, à concorrência mundial.

No início, os sucessos foram consideráveis e, em pouco tempo, a União Soviética tinha se tomado a segunda potência industrial do mundo. As "democracias ocidentais" se declaravam horrorizadas com os métodos pelos quais esse resultado tinha sido atingido. Na verdade, o que elas viam lá não passava de um resumo dos horrores de seu próprio passado – a Rússia atrasada tinha repetido em alguns anos o que tinha levado séculos no Ocidente. E, com isso, a construção do socialismo na Rússia não foi nem uma tentativa de construir uma sociedade libertada (como

afirmavam seus partidários), nem a ambição tresloucada de realizar uma utopia ideológica (como queriam acreditar seus críticos burgueses), nem mesmo, também, uma "revolução traída" pela nova burocracia parasitária (como proclamavam seus críticos de esquerda). Tratava-se, simplesmente, de uma modernização tardia. Afinal, não se pode superar a mais-valia em nome da emancipação dos trabalhadores, com o valor permanecendo como base ontológica. Ao contrário, o modo de produção baseado no valor só pode ser superado com a superação da própria forma-valor fetichista.

A derrocada do Leste, que foi alardeada pelos ideólogos do sistema capitalista como o fim da história e vitória absoluta do capitalismo representou, na verdade, o sinal da crise geral do sistema produtor de mercadorias.

O LIMITE DO CAPITALISMO

Nos anos 80, a terceira revolução industrial, com base na microeletrônica, levou as indústrias fordistas a atingirem seu nível histórico de saturação. Novos e sofisticados produtos tiveram seus preços barateados.

Computador vai se transformando em consumo de massas. Mas, este novo surto econômico não trouxe o correspondente aumento de empregos. A produção passou a depender menos do tempo de trabalho e do montante de trabalho empregado e muito mais das sofisticadas máquinas na produção, criadas pela ciência e tecnologia. Perante o imenso acúmulo de trabalho morto, o trabalho vivo ficou reduzido à mera supervisão e manutenção do sistema mecânico. O aumento incessante da produtividade do trabalho chegou numa situação em que o valor novo adicionado por unidade de produto é insignificante e mesquinho. Com isso, a medição pelo critério do valor se tornou insustentável. Assim, nem o trabalho e nem o tempo de trabalho são mais as condições principais da produção. O trabalho começa a deixar de ser a fonte principal de riqueza e o tempo de trabalho deixa de ser a sua medida. Aqui se inicia o extermínio da galinha dos ovos de ouro do capital, o trabalho.

Hoje, uma ruptura na nossa época, no início do

século XXI, exige uma transformação ainda mais profunda e radical tanto teórica quanto prática. As novas forças produtivas da microeletrônica são as responsáveis pela nova crise do capitalismo. A riqueza material produzida, agora, é fruto de um sofisticado complexo tecnológico. O dispêndio do trabalho humano abstrato perdeu a corrida para a ciência. Antes, o fordismo marcou o apogeu do sistema. Agora, a informatização marca a sua entrada definitiva em crise. Eis o aspecto central que explica a causa e a natureza da crise atual do mundo globalizado. Não se trata de um aspecto particular, mas determinante do colapso da modernização. O conteúdo material da produção se tornou incompatível com a forma imposta pelo valor.

A CRISE DA FRONTEIRA HISTÓRICA DO CAPITALISMO

A produção moderna cujo objetivo é originar o lucro está, portanto, diante de um impasse. Reduzir o tempo de trabalho a um mínimo ou continuar com o tempo de trabalho como medida de produção, eis resumidamente a contradição em processo do capitalismo. Pela primeira vez

na história da humanidade, a nova tecnologia economiza mais trabalho do que o necessário para a expansão dos mercados de novos produtos. A capacidade de racionalização é maior que a capacidade de expansão. Uma nova fase criadora de empregos deixou de existir. O desemprego se espalha por todas as indústrias, por todo o planeta. A troca de trabalho vivo pelo trabalho objetivado se apresenta como o último desenvolvimento atual da relação do valor, da produção baseada no valor. Muda o significado de riqueza, tempo e trabalho. A barreira histórica do capitalismo se apresenta, o seu limite vislumbrado. Em função da terceira revolução industrial mudou a aplicação do capital dinheiro. Na medida em que ele não pode mais ser reinvestido de forma rentável na economia real, porque não pode mais absorver mais trabalho, ele se desvia. O seu caminho é o mercado financeiro.

Esse deslocamento especulativo é prova concreta do limite do sistema. O dinheiro, que aparentemente circula em quantidades infinitas, já não é, mesmo no sentido capitalista, um "bom

dinheiro”, mas apenas “ar quente”, com o qual a bolha especulativa foi levantada, simulando a solidez do sistema financeiro. Esta bolha estourou em 2008. Suas conseqüências catastróficas estão a olhos vistos, inclusive na mídia.

Em razão disso, a fronteira histórica do sistema se manifesta de forma muito diferenciada em cada país do mundo global. Por causa disso, a ilusão de um futuro promissor para o capitalismo irrompe, de vez em quando, com grande estardalhaço. Primeiro, foi o Japão. Em seguida, foi a vez dos Tigres Asiáticos. Depois, a bola da vez foi Índia, China e Brasil. agora, é o rombo no casco do Titanic.

No Brasil, ainda está para ser bem analisada e debatida com profundidade a origem e desenvolvimento do capitalismo e os impasses de suas crises.

Na condição de ex-colônia não o fizemos. Desde a independência até a ditadura militar também não. Antes com uma governamental elite de esquerda e agora de direita estamos mantendo o mesmo procedimento.

Anteriormente éramos atados por uma condição periférica. Agora, pela pretensão de ser um país emergente. A

lógica e sua crise que estão na base do colapso do moderno sistema produtor de mercadoria são ignoradas. Essa atitude nos torna despreparados para as graves conseqüências que estão aí e que se agravarão face ao limite do sistema.

Como estamos vendo, a crise atual é completamente diferente das demais crises do capitalismo. Antes, tratava-se de crises relacionadas com a expansão do sistema. As crises do século XIX, por exemplo, foram superadas porque o sistema não tinha alcançado todo o planeta, toda a reprodução social. Havia ainda um espaço interno para o desenvolvimento industrial. A crise econômica mundial dos anos 30, que foi uma ruptura estrutural num nível mais elevado de industrialização, acabou dominada pelas novas indústrias fordistas e pela regulação keynesiana.

Uma questão inteiramente nova surgiu quando a acumulação fordista esbarrou nos seus limites na década de 70 e o keynesianismo desembocou numa política expansionista com base no crédito público. A chamada revolução neoliberal percebe o perigo para o

capitalismo e desloca o problema do crédito público para os mercados financeiros. Estávamos diante da mais importante ruptura estrutural do desenvolvimento capitalista marcado pela terceira revolução industrial.

Entrou no ar um nível qualitativamente diferente de produtividade. Ao cortar o galho onde estava sentado, o capitalismo apresentou não só os seus sinais de destruição, mas exibiu claramente o seu caráter autodestrutivo. Como já foi referido, seu milagre da multiplicação dos pães consistia na valorização do valor, ou seja, na valorização do dinheiro. Reforçando a análise, com a terceira revolução industrial, através da microeletrônica, o sistema elimina o trabalho que constitui a substância do capital. Sua fuga para frente, através do neoliberalismo com sua especulação financeira, possibilitava a subida aos céus do dinheiro. Mas, como esse dinheiro era e é fictício, o céu se transformou no inferno. Num inferno que já dura mais de duas décadas sustentado pelo endividamento e bolhas financeiras sem substância. Portanto, estamos diante de uma conjuntura econômica global, baseada no déficit que

não tem como ser sustentada indefinidamente. Que o digam os governos Collor, FHC, Lula, Dilma e Temer.

Em razão disso, a era neoliberal da desregulamentação foi acompanhada por uma cadeia sem precedentes históricos de crises financeiras e de endividamento. Enquanto essas crises estiveram limitadas a certas regiões mundiais ou setores, elas puderam ser contidas por uma enxurrada de dinheiro dos bancos centrais. Mas isso só criou as bases para o culminar do processo de crise.

Assim, desde outubro de 2008 a crise da terceira revolução industrial assumiu uma dimensão global. O estouro das bolhas financeiras, agora, traz à tona a falta de acumulação real. Um novo keynesianismo de crise, entretanto, apenas deslocou o problema do mercado financeiro novamente para o crédito público em 2011. Mas isto num nível muito mais elevado do que na década de 70. O Estado tem tão pouca competência hoje, como tinha então para subsidiar a falta de acumulação real em longo

prazo. A crise dos mercados financeiros é substituída pela crise das finanças públicas. Grécia, Portugal, Espanha, Itália, Brasil, Venezuela, etc. constituem apenas a ponta do iceberg do caos da atualidade. A volta ao Estado mostra o esgotamento do sistema. Não existem mais novos mecanismos de solução da crise no nível de produtividade alcançado como demonstra a impotência dos encontros, fóruns, reuniões e articulações dos Estados Unidos, da União Europeia e dos países emergentes como China e Brasil e, logo mais, do governo Trump.

O LIMITE EXTERNO ECOLÓGICO DO SISTEMA

Essa crise, por outro lado, expõe de maneira cristalina o limite externo ecológico do moderno sistema fetichista patriarcal produtor de mercadorias.

Robert Kurz no texto «O Fim da Política» coloca a origem desse limite. Diz ele que desde o início do sistema industrial sob a forma da mercadoria, foi lamentado o seu potencial destrutivo em relação à natureza biológica. Esta força destrutiva reside no próprio processo de

abstração operado pela forma da mercadoria, isto é, na indiferença do dinheiro a qualquer conteúdo sensível. Enquanto a forma da mercadoria possuía apenas uma existência periférica em nichos nas constituições pré-modernas, o caráter destrutivo dessa "abstração real" (Sohn-Rethel) e do seu trato "não concreto" com a matéria concreta do mundo só pôde manifestar-se de maneira esparsa e casual. Mas à medida que a forma da mercadoria se tornava a forma social de totalidade na forma do capital, também tinha de vir a lume o seu caráter destrutivo da "primeira natureza". Num primeiro momento, a crise ecológica assim desencadeada ficou limitada a certos setores e regiões; ela seguia o processo de industrialização na forma da mercadoria. Portanto é lógico que ela se tenha tornado uma ameaça direta à humanidade com a perfeição estrutural e global do sistema produtor de mercadorias após a Segunda Guerra Mundial. Afetados o solo, o ar, a água e o clima, o potencial destrutivo da forma da mercadoria total atinge os fundamentos mais elementares da vida,

tornando-se assim, a partir dos anos 70, uma questão política permanente.

Hoje nos deparamos diariamente com a expansão da destruição do equilíbrio dos sistemas naturais.

A diversidade da vida no planeta ficou reduzida drasticamente com o desaparecimento de várias espécies em todo o planeta terra. A vida na terra e a sobrevivência da humanidade estão em perigo. Estamos diante de um evento mais devastador que o impacto do asteroide que matou os dinossauros há 65 milhões de anos.

Agora, o asteroide somos nós - os seres humanos - que através de relações patriarcais capitalistas construímos esse moderno sistema fetichista produtor de mercadorias que provoca rastros de destruição impressionantes; que altera a composição da atmosfera através da emissão de CO₂; que aumenta a acidez dos oceanos; que eleva a temperatura média do planeta; que reduz drasticamente os recursos hídricos provocando secas; que polui o ar; que provoca enchentes; que já compromete mais de 50% da superfície da terra; que arrasa uma enorme extensão das florestas tropicais;

que expulsa espécies de seu habitat natural; que provoca danos irreparáveis ao ecossistema global; que produz alimentos que matam os seres humanos; que já provoca a extinção de ¼ de todos os mamíferos, de mais de 40% dos anfíbios, de 1/3 dos corais, de 1/3 dos tubarões, de 1/5 dos répteis, de 1/6 das aves,... conforme dados divulgados por cientistas de todo o mundo.

ESTADO E POLÍTICA COMO ADMINISTRADORES DA BARBÁRIE

A crise do trabalho tem como consequência a crise do Estado e, portanto, da política. O Estado moderno constituiu-se como uma instância superior que garantia, no quadro da concorrência, os fundamentos jurídicos normais e os pressupostos da valorização dos sistemas produtores de mercadorias. Para garantir isso era indispensável a existência de um aparelho de repressão para a possibilidade do material humano insubordinar-se contra os sistemas capitalista e socialista de Estado. No capitalismo sem limites, o Estado assumiu de

forma crescente tarefas socioeconômicas como saúde, educação, rede de transportes e comunicação, infraestruturas de todos os tipos que eram indispensáveis ao funcionamento da sociedade do trabalho.

Mas, o Estado não transforma trabalho em dinheiro, ou seja, o Estado não constitui uma unidade de valorização autônoma e por isso precisa retirar dinheiro do processo real de valorização, fruto da produção e contradição entre o capital e o trabalho. Faz isso taxando, através dos impostos, os rendimentos capitalistas do mercado (lucros, salários, honorários). Mas, como vai se esgotando o trabalho, esgota-se a valorização. Esgotada a valorização, esgotam-se também as finanças do Estado. O Estado apresenta-se desnudado e exhibe a sua dependência diante da economia cega e fetichizada da sociedade do trabalho. Na crise desta sociedade, tanto a propriedade privada, quanto a propriedade estatal, ficam obsoletas porque as duas formas de propriedade pressupõem, do mesmo modo, o processo de valorização. A propriedade estatal é apenas uma forma derivada da

propriedade privada, tanto faz se com ou sem o adjetivo socialista.

Com o crescente desemprego estrutural de massas, esgota-se a renda estatal proveniente dos impostos sobre os rendimentos do trabalho. Com a crise, caem fora também as rendas estatais provenientes dos impostos sobre os lucros das empresas. Por outro lado, os trustes transnacionais obrigam os Estados que concorrem por investimentos a praticarem todo tipo de bandidagem. Os limites da economia nacional são dinamitados. Regiões mundiais inteiras são cortadas dos fluxos globais de capital e mercadorias. Num onda de fusões sem precedentes históricos, os trustes se preparam para a última batalha da economia empresarial. Estados e nações são desorganizados e implodem. Populações são empurradas para a loucura da concorrência. Na luta pela sobrevivência assaltam em guerras étnicas de bandos. Com novas roupagens ressurgem o racismo, canibalismo, homofobia, xenofobia, genocídio, patriarcalismo, nazismo,

fascismo.

Com a permanência e agravamento da crise crescem a exclusão, discriminação, terror, violência, guerra, narcotráfico, desemprego, etc. A barbárie ronda todas as cidades do Brasil e do Mundo. Multiplicam-se estupros de mulheres e crianças. A violência contra as mulheres dispara. A desesperança e a miséria se alastram. O serviço público virou calamidade. A sociedade mal funciona. O "lixo humano" fica sob a competência da polícia, das seitas religiosas de salvação, da máfia, dos esquadrões da morte e/ou grupos de extermínio. Aumenta enormemente o número de pessoas nas prisões, particularmente jovens. Diariamente, crianças, jovens e pobres são assassinados. Três quartos da humanidade afundam em estado de miséria e calamidade porque o sistema social de trabalho não precisa mais do seu trabalho e são declarados como lixo social. Uma catástrofe de imensas conseqüências atinge os fundamentos naturais da vida e ameaça também a sociedade.

Além disso, diante da crise atual, o patriarcado fica ainda mais selvagem. O resultado das democracias

fordistas para as mulheres já foi a carga dupla, a dupla jornada de trabalho, salários diferenciados, subalternidade, discriminação, humilhação e violência sexual. Agora vem a terceira, que além de acentuar a dissociação nas relações entre os sexos e a cisão entre o público e o privado, pretende tornar as mulheres responsáveis pela sobrevivência impossível da sociedade atual, que o mundo masculino, irracionalmente, quer prolongar.

O Estado democrático transforma-se, com isso, em mero administrador de crises. A educação vira privilégio para incluídos e enganação para excluídos. A cultura intelectual, artística e teórica é remetida aos critérios do mercado, vai padecendo e se desqualificando e destilando o tédio cotidiano. A saúde não é mais financiável. Descaradamente vale a lei da eutanásia social: porque você é pobre e "supérfluo" não tem direito a nada e tem que morrer bem antes. Desempregados, moradores e meninos de rua, sem-teto, sem-terra, sem nada, doentes, idosos e excluídos são atirados no aterro sanitário social. O Estado virou um

sistema de apartheid que não tem mais nada a oferecer aos seus ex-cidadãos.

Diante da barreira histórica do modo de produção de mercadorias, os seus atuais integrantes e postulantes resolveram cometer suicídio ao lado do capitalismo. Pois o Estado se converteu num aparelho para a barbárie, terror, loucura, corrupção, assassinato, tráfico, demagogia, violência, escárnio, cinismo, etc. Por isso, só pessoas que reúnem aptidão e qualidades para tais atividades podem integrar um tal aparelho e executar sobre o povo e sobre si mesmas, com o avanço da crise, o veredicto do sistema.

Esta crise não pode ser revertida através da política. Pois política é, em sua essência, uma ação relacionada ao Estado que se tornou, na situação atual, completamente sem sentido. Num mundo fundamentalmente mentiroso, a política, como portadora da mentira, tem seu papel relevado para enganar as pessoas. A finalidade da política só pode ser a conquista do aparelho de estado para dar continuidade à sociedade da política. A política fala de realismo quando devasta o mundo e ameaça a vida. Fala do que é melhor para a cidade e a torna cada vez mais feia e

desumana. Fala em humanismo e deixa a pessoa humana empobrecida e miserável no meio da riqueza. Evidentemente, fica impossível, nessas condições, haver alguma regulação política democrática para a crise do trabalho e da política. O fim do trabalho torna-se o fim da política.

Com isso, a política ficou reduzida a mero espetáculo. Um espetáculo que leva você a obedecê-lo, que coloca você a seu serviço, que o apaixona para servi-lo e que o conduz para a passividade, resignação e mediocridade. Todos concordam que não fica bem vender um político, como se vende um detergente. Mas, vendem e eleitores continuam comprando. Por isso, a atuação política virou tarefa de demagogo. Por mais chocados que fiquem os adoradores da deusa-política, a política acabou.

Portanto, a impotência da política também contribui para dimensionarmos melhor que a crise atual se apresenta como crise final do capitalismo, a crise da própria forma-valor e não apenas de seus aspectos secundários. Fazem parte dela: a crise

ecológica; a impossibilidade, na época da globalização, para a política e para os estados nacionais de continuarem a funcionar como instâncias reguladoras; a crise do sujeito constituído pelo valor-dissociação, particularmente visível na crise da relação entre os sexos e o esgotamento da sociedade do trabalho e de seus fundamentos.

A HISTÓRIA E SUA CRÍTICA

O pensamento pré-moderno acrítico só era possível sob a condição de que a sociedade repousasse estaticamente sobre si mesma e o pensamento reflexivo se reportasse, não ao vazio, mas a uma ordem divina. Não há mais volta a esta situação.

O pensamento moderno, tendo por base a filosofia iluminista burguesa e a teoria econômica a ela vinculada e praticada, realizou uma grande façanha, ao vender o contexto da forma social capitalista, antes totalmente inexistente, como uma lei natural da convivência humana. Este êxito contou com uma destacada contribuição da crítica marxista imanente ao capitalismo. Enquanto o capitalismo tinha horizontes pela frente, ficou fácil projetar para

toda a história da humanidade a necessidade das relações sociais capitalistas. Mas, agora, a crise mundial atual escancara os limites do sistema. E a teoria imanente ao capitalismo esvai-se junto com ele. Daí só pode advir uma razão, a razão que quer desesperadamente justificar a administração da crise.

O pensamento pós-moderno constitui a crítica social fragmentada no estado terminal do sistema e se coloca contra toda teoria que examina o conjunto da sociedade. Trata-se de uma reflexão teórica que cada vez mais se fragmenta porque a dinâmica social a ela subjacente extinguiu-se. As gerações pós-modernas, portanto, já não compreendem os conceitos de reflexão. Elas são o que são e mais nada. São perfeitamente idênticas a seus atos banais, quanto mais absurdos forem estes atos.

O anteprojeto crítica radical entende a teoria como crítica categorial ao capitalismo, às suas raízes, como crítica à irracionalidade do moderno sistema de produção de mercadorias, ou seja, ela repudia as classificações ontológicas básicas do capitalismo

(trabalho, valor, dissociação, mercadoria, dinheiro, mercado, Estado, nação, política, democracia, fetichismo, sujeito, etc.). Ela examina o modo de produção capitalista fundamentalmente em suas formas político-econômicas elementares, que abrangem todos os grupos, classes e camadas sociais que formam o sistema coletivo de referência dos conflitos sociais intercapiitalistas.

A PROBLEMÁTICA GLOBAL DA CRISE ENCONTRA SUA EXPRESSÃO NA QUESTÃO FEMININA.

A sociedade atual, como ficou evidenciado, é resultado de uma longa história patriarcal e cristã-ocidental da socialização pelo valor e da dissociação entre os sexos. Para essa história contribuiu decisivamente o homem branco e ocidental. Para que a racionalidade do homem moderno pudesse impor-se na esteira do legado antigo e para além dele, era necessário anular a mulher e tudo o que ela representava. Mas não se tratava apenas do fato dos homens expropriarem brutalmente a ciência medicinal empírica das mulheres; antes o que estava em jogo era um

projeto fundamentalmente diverso de relacionamento com a natureza.

Agora, como nos lembra Roswitha Scholz, essa sociedade apresenta um tipo de crise que põe em cheque sua identidade sexual. Por isso, a superação da socialização pelo valor exige também a superação da sua identidade masculina. Em razão disso, toda tentativa de estender o véu da neutralidade sexual sobre a crise do valor está condenada ao fracasso.

Pela primeira vez na história da humanidade a problemática global da sociedade em crise encontra sua expressão na questão feminina. Superar o patriarcado, hoje, é superar a forma fetichista da mercadoria. Pois aqui reside o fundamento da dissociação patriarcal e a convocação para uma construção histórica para além do fetichismo da mercadoria e de suas atribuições sexuais.

A origem deste homem branco e ocidental, como vimos anteriormente, vem da economia política das armas de fogo nos primórdios da modernidade e do potencial destrutivo destas; mas sua constituição e forma de

reflexão teórica consciente apenas podem ser encontradas no iluminismo. Por causa disso, a crítica radical do valor e da dissociação, a crítica do sujeito e a crítica do iluminismo constituem um todo indivisível. Afinal, a construção histórica do iluminismo concorreu para a constituição da forma do sujeito moderno, capitalista, masculino e permeada pela ideologia do valor e da lógica da dissociação – um sujeito destrutivo.

A forma do sujeito não é outra coisa senão esse modus geral da relação do valor moderno e capitalista, a forma geral de pensar e agir da socialização do valor. Trata-se aqui, por um lado, dessa forma que se apresenta aos indivíduos como totalidade fetichista do sujeito automático objetivado. Mas esta forma também é, simultaneamente, a dos portadores (as) das ações individuais e institucionais; e, enquanto tal, ela constitui, num sentido mais restrito, a forma do sujeito ou a forma sujeito.

A sociedade do valor e da dissociação representa em si um programa de tábua rasa. Ela constitui a negação brutal de todo o mundo sensível e social. Emancipação, portanto, significa a negação da negação do mundo contida na própria forma

sujeito. A subjetividade negativa contra o próprio sujeito deve ser entendida como uma superação transformadora do sujeito. Uma definição claramente negativa e transformadora da formação do sujeito contra o sujeito. Sujeito, mas apenas para abolir o sujeito. Portanto, um contrassujeito ronda o mundo – o antissujeito da desfetichização!

UM NOVO MOVIMENTO SOCIAL TRANSNACIONAL EMANCIPATÓRIO

É inegável que anteriormente não foi possível a formação de um movimento que fosse capaz de eliminar o capitalismo e, conseqüentemente, o Estado, o dinheiro, a mercadoria e suas conseqüências. Não foi possível a formação de atores que forjassem a história da emancipação humana. As experiências revolucionárias do século passado demonstram isto cabalmente. A ausência desse movimento constitui, portanto, a maior vitória do capitalismo.

Isso porque, entre outras razões, a teoria que fundamentava a luta de quem tencionava acabar com o

capitalismo, cuja fundamentação residia na história da luta de classes, não dimensionou a compreensão da crítica radical de que os trabalhadores foram criados pelo valor. Por isso, foram transformados em comparsas da política e do capital e não dirigentes das suas próprias vidas, vividas e projetadas. Afinal, toda criatura tem dificuldade para superar o seu criador, de substituir o amor da servidão pelo desejo da liberdade. A crítica radical, cuja fundamentação reside na história das relações fetichistas, elimina esta grave insuficiência teórica. Nossa arma é a crítica radical do valor- dissociação que restabelece a identidade, no pensamento e na ação, entre forma de existir e forma de pensar o até aqui impensável.

Agora, poderemos adentrar no labirinto atual guiando-nos com o fio de Ariadne da crítica radical. Agora, poderemos superar de vez este sistema de horror e construir a nossa emancipação do capitalismo. Portanto, o aspecto central da práxis emancipatória tem que ser a superação do capitalismo e não a administração da sua crise. Basta de espetáculo de fim do mundo, pelo fim do mundo do espetáculo!

O colapso da modernização deixa claro que é impossível viver nesta sociedade sem uma transformação emancipatória. A ciência e a arte se deparam com este desafio. Na medida que vem à tona o caráter agudo das contradições (éticas, sociais, ambientais, filosóficas, artísticas, culturais, históricas, econômicas, científicas etc.) o saber científico e sua aplicação passam a enfrentar uma opinião cada vez mais expressiva para que a ciência não continue como um mundo à parte, ao mesmo tempo fonte de fascínio e angústia, mas coloque suas descobertas a serviço da emancipação. Situação ainda mais desafiadora enfrenta a arte em geral. Pois a estagnação e a falta de perspectiva da arte moderna correspondem à estagnação e à falta de perspectivas da sociedade da mercadoria. A glória da primeira passou juntamente com a glória da segunda. Assim, a humanidade só poderá ter futuro se caminhar para além do moderno sistema fetichista patriarcal produtor de mercadorias. O movimento encara o obstáculo que tem de

ultrapassar. Portanto, uma subversão inédita ronda o mundo – a subversão da emancipação humana.

O SUJEITO E A FORMATAÇÃO FETICHISTA

A crítica radical entende que o fetichismo não é apenas uma representação invertida da realidade, mas uma inversão da própria realidade.

Ao não percebermos e não negarmos essa inversão, temos como consequência que a nossa vontade e ação e, portanto, nossa subjetividade apenas executa a forma-fetice.

A esquerda ocupa uma posição destacada na teoria e na prática dessa subjetividade. Ela entende que o movimento autônomo do capital, a valorização do valor, não decorre da essência do capitalismo, mas de sua aparência.

Com isso ela ataca apenas a mais-valia, mas não o valor-dissociação, que constitui o fundamento do sistema, ou seja, a essência do moderno sistema fetichista patriarcal produtor de mercadorias.

A crença de que nas próprias formas modernas de dinheiro, trabalho, política, mercadoria, etc., seria possível

uma sociedade inteiramente diferente, trouxe como consequência a devastação humana e ambiental em curso.

Foi um erro colossal depositar nossa esperança na compreensão de que a valorização do capital sempre funcionaria. Com isso não foi possível distinguir bem a diferença qualitativa entre nossos interesses vitais e os conteúdos materiais, sociais, culturais e ecológicos que são idênticos às nossas necessidades históricas.

Com isso, essas necessidades permaneceram amarradas à forma capitalista que é constituída sob a forma do dinheiro.

Hoje alcançamos um momento histórico que nos possibilita perceber essa diferença, ou seja, a diferença entre esse conteúdo e a forma a que está submetido.

Agora, a defesa dos nossos interesses já não precisa ser colocada contra nós mesmos. Podemos declarar o conteúdo real das nossas necessidades como absolutamente inegociável. Acabar com qualquer fundamento ontológico pré-consciente. Não temos porque reduzir as nossas vidas às leis do capital. Podemos encerrar

a história com todas as suas justificativas que aprisionam nossas vidas ao capitalismo. Podemos pôr um fim na nossa submissão e superar o sujeito fruto dessa dominação.

O conceito de sujeito é paradoxal. É um conceito fetichista. Ele nos desafia desde o significado etimológico da palavra. Nos causa indignação a sua aceitação da submissão que ele renova todos os dias ao valor-dissociação.

Essa dimensão da crítica do fetichismo nos permite entender que o estruturalismo ou a teoria dos sistemas e o pensamento iluminista e seus sucedâneos pós-modernos possuem uma identidade interna que os torna incapazes de uma crítica da forma-mercadoria.

O pensamento iluminista permanece cego para a verdadeira constituição fetichista sem sujeito. O estruturalismo e a teoria dos sistemas e seus desdobramentos pós-modernistas/hipermodernistas abrem mão do propósito de captar a constituição sem sujeito.

A distinção entre primeira natureza

(biológica) e a segunda natureza (constituída pelo fetichismo e codificada simbolicamente) nos permite ir além das abordagens do estruturalismo e do iluminismo. E o conceito de fetichismo é a chave para a compreensão da história desde o início até os dias atuais.

A segunda natureza significa que a sociabilidade dos seres humanos constitui-se e apresenta-se de maneira análoga à primeira natureza. Mas analogia não é uma identidade, isto é, primeira e segunda natureza não se equiparam.

A constituição sem sujeito da segunda natureza não advém como resultado natural, mas histórico. A constituição sem sujeito na primeira natureza advém da transformação biológica e natural. A distinção entre a primeira e a segunda natureza e o seu dimensionamento através da crítica radical do fetichismo fornece os fundamentos

indispensáveis à humanidade para a sua libertação.

O ser social surgido e não criado vem à luz como inconsciente de si mesmo e essa inconsciência advém da própria forma de consciência e reprodução inconscientemente constituída.

Mas o ser social surgido não seria plasmado à segunda natureza, sem recorrer a um sistema simbólico (códigos) que forma a sua estruturação humana. Aqui reside o cerne da constituição da matrix fetichista!

Os conceitos de fetiche e de segunda natureza apontam para o fato de que existe "algo" que não se resolve no dualismo sujeito-objeto e que não é nem sujeito e nem objeto, embora constitua essa relação.

O ponto decisivo é que tem de haver um plano no interior da constituição humana e social, e, portanto, também no interior de cada ser humano isolado, plano esse situado além do dualismo entre sujeito e

objeto.

O conceito chave para a compreensão desse plano só pode ser o conceito de inconsciente (Freud). Mas o inconsciente freudiano não constitui um passo fundamental tanto na elaboração crítica para a ausência do sujeito (estruturalismo) quanto para a crítica da superação do sujeito (iluminismo). Freud circunscreveu o conceito de inconsciente sobretudo no aspecto individual e psicológico e não enfrentou o problema da constituição social do inconsciente. Com isso ontologizou sua descoberta e atrelou o inconsciente diretamente à primeira natureza (impulso sexual). Através de uma dedução pessimista interpretou que as contradições ontologizadas de impulsos inconscientes e produtos culturais seriam insuperáveis (pulsão da morte).

O que caracteriza a época moderna, a partir do Renascimento, é o instalar progressivo de

uma forma separada do seu conteúdo, numa forma sem conteúdo. Trata-se de uma forma vazia que se encontra na base da sociedade capitalista.

Perante tudo isso, conforme chama a atenção Anselm Jappe, tornou-se incontornável analisar a história como a história das relações fetichistas, onde os seres humanos produzem as suas relações sociais de forma inconsciente, o que impõe a necessidade de analisar de perto a evolução dessas relações fetichistas. Enquanto formas gerais da consciência elas não dizem respeito apenas à produção, mas também à relação entre o sujeito e o objeto, entre o indivíduo e o mundo, a complexidade entre a primeira e a segunda natureza e a segunda constituição humana, os princípios de síntese social, as mediações culturais e simbólicas, a interiorização da necessidade de execução da lógica sem sujeito do sistema, a história da constituição capitalista como história da constituição do sujeito e não da dominação do sujeito, ou seja, da história da mobilização de sujeito contra sujeito e não da emancipação da própria forma-sujeito.

O desencontro entre "indivíduos sensíveis-sociais" e "sua forma negativa da constituição do fetiche" constitui a relação entre indivíduo e sociedade. O indivíduo, porém, ao viver sob o fetichismo do valor-dissociação constitui a forma do sujeito moderno. Um sujeito fetichista-narcisista. Daqui advém uma dialética entre indivíduo e sujeito. Indivíduo e sujeito não são, portanto, sinônimos. A noção de sujeito, tal como foi construída pela filosofia iluminista no nascimento da modernidade significa já a individualidade abstrata do moderno sistema fetichista patriarcal produtor de mercadorias.

Em razão disso, o indivíduo não cabe na formatação fetichista em que vive. Daqui advém uma dialética entre indivíduo e sujeito. Dessa contradição advém uma tensão entre não viver e a busca por viver; uma disputa entre a sujeição às categorias capitalistas e a revolta contra elas através da crítica categorial uma indignação entre se ajustar totalmente aos valores impostos pela sociedade e o desejo de dela sair; uma

submissão inconsciente que justifica a convivência e tolerância com a administração da barbárie existente e a construção diária da teoria com sua praxis emancipatória. Isso é o que, entre inúmeras outras questões, constituem aspectos dos fundamentos do EMANCIPE-SE – anteprojecto crítica radical.

O SIGNIFICADO DA 4ª REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Mas está em andamento uma questão fascinante e, ao mesmo tempo, perigosa.

Trata-se da 4ª revolução tecnológica em curso que aponta para transformações que, se mantiverem inalterado o seu fundamento, terão consequências incomensuráveis para a história da humanidade e do planeta.

Através dela iniciou-se o processo de seres projetados, ou seja, de produção de um ser humano com genoma direta e deliberadamente editado. Não se trata mais da edição de genes de plantas e animais, mas da alteração do DNA de embriões humanos. Por outro lado, pesquisas recentemente realizadas por meio de neurotecnologias apontam para a existência de seres humanos

com memória totalmente artificial implantada no cérebro.

Em consonância com essas experiências, inúmeras outras atividades industriais e tecnológicas estão em andamento. Baseadas na robótica, neurotecnologia, nanotecnologia e biotecnologia elas irrompem com velocidade, amplitude e profundidade quase ilimitadas. Através delas bilhões de pessoas passam a ser conectadas por dispositivos móveis com base na computação quântica.

Essas inovações industriais e tecnológicas alcançam numerosas áreas como a possibilidade de criação em série de seres humanos, do uso ilimitado da inteligência artificial, da internet das coisas, veículos autônomos, impressão 3D, ciência dos materiais, armazenamento de energias, digitalização planetária, tecnologias implantáveis e vestíveis, supercomputador de bolso, casa conectada, cidades inteligentes e flutuantes, Big Data, todas elas provocando mudanças profundas na produção, consumo, transporte, sistemas logísticos, atividades

governamentais, em todas as instituições bem como o redimensionamento dos papéis da comunicação, educação, saúde, meio ambiente, segurança, etc. Uma transformação que atinge em extensão e profundidade a maneira como vivemos, trabalhamos, estudamos, pesquisamos, criamos, nos divertimos, nos comunicamos e nos relacionamos.

A quarta revolução industrial não tem paralelo com as revoluções anteriores. Senão vejamos: na 3ª revolução industrial o capitalismo, com base na microeletrônica, reduziu drasticamente o trabalho; na 4ª revolução industrial se aproxima do seu fim. Na 3ª revolução industrial a natureza foi submetida a um ecocídio que punha em jogo a existência do ser humano e do planeta; na 4ª revolução industrial, estamos diante de um processo cuja devastação não só compromete, mas pode eliminar a vida no planeta. Se na 3ª, os investimentos reais deixaram de ser rentáveis, pois foi reduzida drasticamente a valorização do capital como consequência da perda da substância do trabalho; na 4ª, nos depararemos com a dessubstancialização quase absoluta do capital com o

colapso total do sistema na vigência do dinheiro sem valor. Se na 3ª, o moderno sistema patriarcal produtor de mercadorias originou um pensar e agir autoritários de extrema direita, homofóbicas, racistas e sexistas; na 4ª, nos defrontaremos com o neofascismo apto a eliminar bilhões de pessoas. Se o capitalismo na 3ª, impôs o namoro renovado entre o mercado e o estado, acreditando que através da fuga para a frente, ao utilizar crédito público e especulação financeira contornaria os seus obstáculos, se deparou com uma crise inusitada (2008) que não só atingiu todos os países, inclusive o Brasil (2015), mas mostrou de forma cristalina o limite interno e externo do sistema; na 4ª, com o fracasso dos papéis do estado e do mercado originou-se uma dinâmica de destruição sem precedentes, com uma massa de seres humanos miseráveis e objetivamente supérfluos, a exemplo dos refugiados, mas não só, acabando com as bases sociais, econômicas, políticas, culturais e ecológicas da cada vez mais exígua vida social.

Se o capitalismo, na 3ª

revolução industrial tolerou um precário estado de direito voltado aos ainda aproveitáveis para o trabalho; na 4ª, adotará medidas de emergência configuradas num estado de exceção para tentar administrar o caos de sua crise final. Se na 3ª, o capitalismo se deparou com seu projeto de modernização em escala mundial fracassado; na 4ª, tentará sobreviver expandindo as ideologias do ódio, fanatismo religioso, terror, guerras civis sem rumo, populações mergulhadas no pântano da pobreza e desespero com uma escalada da violência sem precedentes contra as mulheres, participantes dos movimentos LGBT, negros, jovens e os proscritos teóricos e práticos dedicados à luta pela suplantação do capitalismo.

O presidente do Fórum Econômico Mundial, Klaus Schwab, em seu livro A Quarta Revolução Industrial (edipro), argumenta que a contradição entre a inovação tecnológica e a produtividade "é um dos maiores enigmas que antecede o início da Grande Recessão e para qual não há uma explicação razoável." (Pág. 38)

Um pensador prospectou, há exatamente 158 anos atrás, que essa constatação é

resultado da contradição em processo da produção capitalista que aponta a última manifestação do valor. Como o valor é o fundamento da produção burguesa, essa contradição em processo mostra cristalinamente a fronteira histórica do moderno sistema fetichista patriarcal produtor de mercadorias, o capitalismo. Esta realidade se aproximou desse pensamento no final do século XX.

A EMANCIPAÇÃO AINDA QUE TARDIA

O fato do capitalismo ter atingido os seus limites facilitará a nossa emancipação?

O capitalismo se sufoca por causa da sua própria lógica. Mas, se a catástrofe está programada, de forma alguma está a sua superação, como evidenciam os acontecimentos no Brasil.

O Brasil, campeão de desmatamento do mundo, começa a vivenciar o seu colapso. Os governantes, seus partidos, seus políticos que tentam salvar o capitalismo ocultando o alerta sobre a crise categorial, ensaiam agora uma guerra.

Exemplo disso foi a guerra dos partidos no

impeachment, dos partidos contra o impeachment e dos partidos que questionaram o impeachment fundamentados na modernização do capitalismo.

Os que falaram em golpe não atacam o capitalismo.

Os que o implementaram não atacam o capitalismo.

Os que falaram e falam em afastamento socialista revolucionário do governo não atacam o capitalismo.

Os integrantes dos movimentos sociais que organizam protestos, radicalizados ou não, e se manifestam ecleticamente posicionados de forma crítica ou a favor do Governo Temer não atacam o capitalismo.

A manutenção do capitalismo constitui, portanto, um ponto nodal comum em todos esses movimentos. Isso representa uma vitória inegável do capitalismo!

Os "antigolpistas", independente da intenção, da boa vontade e dos bons propósitos de quem quer que seja, fizeram o jogo dos "golpistas" quando denunciaram o golpe e participaram dele. Quando se mantêm aprisionados em suas bandeiras modernizantes como o Fora Temer, Diretas Já e chamamento para lutas única e

exclusivamente imanentes que, embora justas, são submetidas à forma capitalista e, com isso, não abrem nenhuma perspectiva para uma luta transcendente ao sistema. Diariamente dão demonstração de seus esforços para manter a nossa gente sujeitada ao sistema com suas categorias fundantes (trabalho, mercadoria, valor-dissociação, dinheiro, fetichismo, mercado, estado, economia, política, sujeito, ...).

Não querem ouvir, nem falar e nem ver a crise do limite do capitalismo. Insistem em nos manter aprisionados numa conjuntura que nos mostra que nesse sistema, nessa situação do Brasil e do mundo, não há mais futuro diante de nós. Negam peremptoriamente que o rombo que o sistema ocasionou no seu próprio casco não é mais consertável. Amenizam a evidência de que seu elevador social inverteu sua direção e agora só consegue alimentar a negatividade. Ocultam que o sistema só nos permite a possibilidade de escorregarmos ao longo do declive um pouco menos rápido que outros países.

Tornam-se enraivecidos com a crítica radical por sua demonstração de que o capitalismo, ao se fazer triunfante com a 3ª revolução industrial, aniquila-se a si mesmo com o advento da 4ª. Ficam estupefatos diante da reflexão que demonstra que a história do capitalismo é a história da construção do sujeito e não simplesmente da dominação do sujeito.

Por que não deveríamos então lutar decididamente para que, através da crítica categorial, essa crise seja consciente e livre de nossa gente para a conquista da emancipação humana? Essa conquista não passa por partidos políticos, muito menos aqueles em que seus chefetes estão envolvidos em escândalos e corrupção. Não passa também pela substituição de uma dominação pela outra. Nem por ação de protagonistas políticos ligados à forma política. Menos ainda por lutas imanentes submetidas à forma capitalista. E, acima de tudo, jamais por visões e ações revolucionárias desprovidas da teoria e da prática emancipatórias.

Agora, que elas deram n'água, acompanhando o colapso da modernização e da

pós-modernização, impõe-se a adoção de medidas urgentíssimas para fundamentarmos uma nova teoria emancipatória com sua práxis correspondente.

Ainda mais agora, que a nova crise mundial e brasileira constitui a configuração do limite interno e externo do sistema. No entanto, para enfrentar e superar a crise com seus administradores à esquerda e à direita, não se deve esquecer jamais que eles constituem a expressão política do sistema.

Isso ganha um relevo decisivo, principalmente nesse momento em que o combate à corrupção e a luta por uma inovadora transformação social e ambiental caminham em paralelo.

A junção de ambas pode possibilitar um salto qualitativo na nova compreensão definitiva da diferença substancial entre revolução e emancipação. Revolução é desprovida da crítica categorial. Emancipação nela se fundamenta. Uma se desenrola na forma capitalista. A outra a suplanta. Uma se mantém presa à imanência. A outra é transcendente.

As investigações em Curitiba estão gerando uma quantidade imensa de informações que compõem um amplo e imprescindível quadro para um combate eficaz à corrupção. As informações críticas acerca do fracasso frente à crise em andamento, que ensejaram inúmeras lutas imanentes ao sistema, estão fornecendo uma impressionante riqueza de elementos que, bem refletidos com base numa fundamentação inovadora, nos possibilita superar a crise com a suplantação do capitalismo e a conquista da emancipação humana.

A OPORTUNIDADE HISTÓRICA PARA A EMANCIPAÇÃO

Até aqui não se contava com uma ideia desenvolvida de um movimento social de ruptura com a ordem estabelecida.

Não havia uma nova ideia de emancipação para formar um polo oposto à barbárie reinante.

Não existia uma proposta para apreender, combater e suplantar a totalidade capitalista.

Em decorrência disso, os movimentos sociais existentes como os Indignados da Europa, da Primavera Árabe, do Occupy Wall Street, as Jornadas de

Junho, os sindicatos, os partidos e vários outros no Brasil permaneceram (e permanecem) presos à imanência do sistema. O que faz com que as simples lutas defensivas, mesmo as reivindicações modestas e imediatas não tenham possibilidade de vitória por não se colocarem nessa perspectiva de suplantação do sistema. O resultado, como se sabe, foi (e continua sendo) a manutenção da luta pela modernização do capitalismo.

Mas o capitalismo já alcançou a sua modernização. Como já afirmamos, na crise atual, ele se depara com sua fronteira histórica. E quem administra a crise dessa fronteira, administra a sua barbárie. Eis porque a persistência da teoria e da prática desses movimentos na atualidade se reveste de um caráter retrógrado. E isso torna os movimentos sociais impossibilitados de pôr um paradeiro no genocídio da humanidade e no ecocídio do planeta.

Não havia, como consequência disso, uma proposta de um movimento social inovador. Mas, agora, com base nessa radical inovação irrompeu uma ideia

em Fortaleza, que provoca a humanidade. Trata-se da ideia de um movimento transnacional de emancipação social capaz de transformar a relação social existente e construir a sociedade pós-capitalista. A saída pra vida plena de sentido.

Esse movimento não deve mais assumir a forma de um partido político, nem se prender apenas à crítica social do estado e do mercado, mas conter um conjunto de iniciativas sociais práticas em diversos planos de desvinculação do mercado, do dinheiro, do estado, etc. Para quem propôs e se propõe a colaborar na organização das assembleias gerais autônomas da cidade, país e mundo, isso é decisivo.

Os anos na persistência da luta; a (re)descoberta da dinâmica capitalista (valorização do valor, do dinheiro), ou seja, da sua essência, da sua lógica, do fundamento do sistema; as contribuições teóricas inestimáveis de várias pessoas; o limite histórico do caráter destrutivo e autodestrutivo do capitalismo; o colapso do sistema e o insight do devir histórico de um movimento transcendente contribuíram para dar vida a essa nova proposta.

Sua concretização supera as concepções teóricas e

práticas que reinavam, até aqui, afirmando que a crítica ao sistema só poderia ser exercida no horizonte do próprio modo de produção capitalista.

Com isso, chega ao fim a capitulação incondicional às regras, normas, princípios, organização e funções do mercado, estado e demais categorias fundantes do capitalismo.

Entra na ordem do dia a vontade consciente do ser humano para o iniciar da construção de um modo superior de sociabilidade que vai muito além das formas fetichistas da mercadoria, da política, do trabalho e do dinheiro. Aqui a pré-modernidade, a modernidade, a pós-modernidade e a ultramodernidade se revelam como pré-históricas.

Quem optou por nem ver, nem ouvir e nem falar sobre isso se depara agora com o iniciar concreto desta façanha histórica.

Esse movimento pode aproveitar esta única e admirável conjunção histórica que passou a existir na trajetória da humanidade. Trata-se de uma conjunção que, de um lado, faz com que a crise atual presente os

limites do sistema capitalista, num momento em que uma transformação social profunda pode ser realizada. Do outro lado, passamos a contar com uma formulação teórica e um movimento prático que reúnem condições para dar conta desta transformação emancipatória.

Portanto, não deveríamos perder esta rara oportunidade histórica. Afinal, a cega utilização dos meios materiais existentes levou a sociedade a um funcionamento absurdo, e no entanto, nos possibilitou os meios materiais para uma organização superior do mundo que alcance a emancipação humana. Com a emancipação, deixaremos de viver sob o império da barbárie, do terror e da ameaça de extinção da humanidade e do planeta.

Analisando as experiências passadas (afinal, não foram poucas as lutas realizadas) percebemos que a práxis emancipatória está em gestação. Uma gestação da revolta que exige uma prática coerente. Que recuse encontrar um lugar confortável na alienação geral, na busca de migalhas num mundo degradante. Uma prática que enfrente a crise atual da sociedade capitalista, considerando que essa

sociedade ameaça destruir a natureza e, portanto, ameaça a todos nós, ficando cada vez mais afetados o solo, a água, a atmosfera e os alimentos que se tornam transgênicos. Uma prática que adote formas de luta cuja compreensão, organização e atuação sejam baseadas na ação direta das pessoas, para que possamos nos forjar enquanto visão teórica e prática da totalidade. Uma prática que não seja de luta pela distribuição no interior do sistema, mas iniciativas que visem a superação do capitalismo. Uma prática que questione tudo, as nossas relações e os objetivos da transformação da sociedade e da natureza. Uma prática em que nossa recusa da política afirme a práxis transformadora para construir a felicidade humana, abolindo no nosso meio tudo o que tende a reproduzir a alienação. Uma prática que seja uma declaração de guerra à irracionalidade reinante. Uma prática que faça parte de um projeto que visa a uma existência rica e apaixonante, oposta à contemplação passiva, e que quer abolir tudo o que, atualmente, torna impossível tal vida. Uma prática da qual

possa se originar esse radical e novo movimento social contestatório: o movimento da emancipação. Uma práxis que exija uma combinação quase que perfeita entre conscientização e sua atuação correspondente. Que contenha não só uma crítica teórica radical, mas também, uma atividade prática radical. Um movimento que contribua para o deslanchar de um novo processo histórico. Pois esse tempo indica que estamos confrontados com a decadência do capitalismo, mas não ainda com o seu desaparecimento.

É compreensível que os poderes da nossa cidade, estado, país e mundo nos considerem loucos porque queremos pôr fim à pré-história da humanidade. Mas, nada temos a perder senão a catástrofe para a qual eles nos conduzem. Temos a ganhar a Terra da emancipação humana.

A VITÓRIA DO NOVO MOVIMENTO SERÁ A DESFETICHIZAÇÃO DO MUNDO

Um fetichismo ainda domina o mundo – o fetichismo da mercadoria.

Sua manutenção ameaça a vida humana e do planeta.

Sua superação possibilita a emancipação de toda a humanidade.

Tal fetichismo que não é só uma representação inversa da realidade, mas uma inversão da própria realidade constitui a base da sociedade atual. Uma sociedade que, em consequência disso, não tem consciência de si mesma. Uma sociedade que não organiza diretamente sua própria forma de socialização e dissocia homens e mulheres. Uma sociedade que se submete ao domínio de uma abstração real, o valor, que representa o trabalho e se expressa no dinheiro. Uma abstração que tem poder sobre todos os membros dessa sociedade. Uma sociedade que coloca as relações entre as pessoas como relações entre as coisas e das coisas. Uma sociedade em que o fetichismo da mercadoria se opõe ao ser humano, à sua própria sociabilidade. E o que é mais grave, é considerado como axioma implícito, pano de fundo tácito que é proibido questionar, uma obviedade axiomática.

Hoje, em todas as bases da sociedade produtora de mercadorias, esse

fetichismo fez morada. Impregnou todos os seus aspectos. Vive da inconsciência humana. Reina através da servidão voluntária. Leva o ser humano a viver uma vida monstruosa e praticar o assassinato da humanidade e do planeta. Tenta prolongar a vida capitalista. Sustenta todos os demais fetiches. Oculta segredos da sua superação. Impede a emancipação humana.

Será possível superar o fetichismo?

Desfetichizar é pensar o impensável, é desnudar a lógica fetichista, é fazer a realidade se aproximar do pensamento, é desontologizar o capitalismo, é desenvolver uma teoria capaz de dimensionar: 1º) que a realidade surge no fetichismo e o fetichismo é real; 2º) que o valor é a dissociação e a dissociação é o valor; 3º) que a crise atual do capitalismo não é só crise do limite do valor, mas também crise do limite da relação entre os sexos e crise do limite da relação entre o ser humano e a natureza; 4º) que a emancipação da constituição do fetiche e seu sistema é a mesma da superação do sujeito; 5º) que a história só pode ser compreendida como história das relações fetichistas.

Compreender o fetichismo

é captar, em primeiro lugar, a lógica destrutiva e autodestrutiva dessa sociedade e, em seguida, a sua história. Do ponto de vista lógico, por exemplo, é o valor que conduz à criação das classes. E foi a luta de classes que produziu a modernização do capitalismo.

Antes, a fetichização do mundo do valor-dissociação possibilitou o desenvolvimento do capitalismo. A partir daí, com a valorização do valor, este sistema desconheceu obstáculos. Hoje, com a microeletrônica, atingiu seu limite e o resultado é o impasse atual. O capitalismo perdeu sua dinâmica. A época do não sabe mas faz passou. O mundo do macho acabou.

Com isso, o fetichismo da mercadoria através de sua inversão entre o concreto e o abstrato, entre o ser humano e os seus meios e entre o sujeito e o objeto provoca rachaduras na aparência e começa a expor a sua essência, a sua irracionalidade. O resultado é o colapso da civilização.

Agora, a concepção do mundo com base nas formas fetichistas sofre profundos abalos. Inusitadamente os relâmpagos advindos dos

mercados financeiros mundiais indicam sinais de que o fetichismo pode ser superado. E, como o fetichismo da mercadoria é o fetichismo por excelência, sua superação possibilitará também a superação de todos os demais fetichismos.

Desfetichizar é fazer o impossível, é construir um novo movimento social transnacional emancipatório, é superar o fetichismo, o patriarcado, o racismo e o capitalismo com as suas categorias fundantes. Desfetichizar é desnudar a aparente racionalidade da modernidade capitalista.

Eis o início instigante do processo emancipatório! O momento de pegar a chave, abrir a porta e entrar no quarto proibido onde estão guardados os segredos de toda a humanidade! A época para o voo mais alto da inteligência humana! O período da mais bela luta de todos os tempos!

É para pensar o impensável e fazer o impossível que este movimento nos desafia!

ANTEPROJETO DA CRÍTICA RADICAL E A NOVA ÉPOCA

Como vimos, através de nossa análise, o capitalismo só

surgiu, se desenvolveu, superou suas crises e hoje, na sua decadência, balança, mas não cai porque estão intactas suas formas sociais categoriais básicas.

Elas resistem e permanecem há séculos gozando de uma perenidade de causar espanto aos seus novos coveiros. E, ainda hoje, são consideradas como axiomas implícitos, um pano de fundo tácito que é proibido questionar. Criticá-las é como se o mundo viesse abaixo por causa dessas críticas. Ao contrário, é exatamente por falta da crítica teórica e prática a essas categorias que o mundo está vindo abaixo. Se isto persistir, persistirá o capitalismo, persistirá a barbárie capitalista.

Se as categorias fundantes do capitalismo continuarem existindo, deixará de existir o ser humano. Uma conclusão realista diante das catástrofes previsíveis, mas de dimensões imprevisíveis que se anunciam!

A crítica radical do fetichismo nos permite compreender que ele nos acompanha desde os primórdios da humanidade. Por causa disso, a nossa história é a história das

relações fetichistas. Vale dizer, não só a história contemporânea. Por mais diferentes que as relações sociais tenham sido na história das sociedades até aqui existentes, uma conclusão se impõe: todas elas foram dirigidas por meios fetichistas. Nunca existiram, portanto, sociedades autoconscientes que pudessem decidir livremente sobre o emprego de suas possibilidades. O moderno sistema de produção de mercadorias representa, apenas, a última forma social da dinâmica cega do fetichismo.

Com isso, o mundo capitalista passa, a partir de agora, a ser dimensionado como uma etapa passageira na história da humanidade. E a consanguinidade, o totemismo, a propriedade do solo e o valor passam a ser considerados como etapas mais longas do processo através do qual o ser humano mesmo fazendo parte da natureza, dela se diferenciou tornando-se um ser relativamente consciente em relação à primeira natureza, mas não ainda em relação à segunda natureza, que é a sua parte da natureza, própria conexão social criada por ele mesmo.

Com tudo isso, evidencia-se a resposta para a verdadeira

dimensão da crise mundial no século XXI. Trata-se da superação não só da história capitalista, mas da história existente até agora. Não só a era da Guerra Fria chegou ao fim. Como também a história mundial da modernização chegou ao limite. Não apenas essa história especificamente moderna, mas a história mundial das relações de fetiche em geral.

Em razão de tudo isso, o anteprojeto da subversão da crítica radical decidiu fazer deste tempo o seu tempo: o tempo da segunda constituição humana, ou seja, o tempo para além da moderna sociedade fetichista patriarcal produtora de mercadorias.

Afinal, uma nova fundamentação emancipatória passou a existir. Irrompeu uma conjunção histórica inovadora que nos convida para irmos além do cantar das mercadorias e suas paixões. O descontentamento antipolítico se espalhou e se tornou visível nos protestos das eleições. Cresceu a indignação perante a manutenção das ameaças de extinção da humanidade e do planeta. E, finalmente, descobriu-se o autor dessa

fação histórica.

A conquista da emancipação impede a catástrofe. Acaba com o aquecimento global. Dá sentido emancipatório à quarta revolução tecnológica. Fica superada a nossa condição de expectadores diante do desabamento dessa sociedade com suas consequências gravíssimas. A vida humana se livra das mediações que nos levam a relações de opressão, exploração, discriminação, patriarcais, abusivas, autoritárias, arcaicas, racistas, homofóbicas, machistas, antisemitas, terroristas, genocidas, ecocidas e de corrupção, submissão, dominação.

A façanha histórica da emancipação nos faz protagonistas em todas as nossas atividades. Surgem espaços emancipatórios de uma vida muito melhor do que no capitalismo. A reconciliação com a natureza se transforma num princípio básico da existência humana e ambiental. Põe um paradeiro nas formas de existência e formas de pensamento fundamentadas pelas relações fetichistas patriarcais capitalistas.

Com a emancipação acaba definitivamente a

dominação de seres humanos sobre outros: dos capitalistas sobre os trabalhadores; dos ricos sobre os pobres; dos homens sobre as mulheres; dos brancos sobre os negros, índios e outros povos; dos heterossexuais sobre os homoafetivos.

A emancipação nos possibilita a autonomia ampla, geral e irrestrita. Fica eliminada toda a história de sofrimento. Acaba a vida desumana na cidade e ganha perspectiva a vida no campo. A existência ganha plenitude em todos os sentidos. Fica superado o fetichismo que nos impediu, até aqui, de tomarmos uma decisão consciente e livre, condição indispensável para conquistarmos a emancipação da humanidade e a libertação da natureza.

A verdade dessa sociedade passa, a partir de agora, pela negação dessa sociedade. Acabar com a negatividade reinante em Fortaleza, Ceará, Brasil e mundo constitui a afirmação de uma sociedade humanamente diversa e desfetichizada, socialmente igual e criativa, ecologicamente exuberante, bela e completamente livre.

Captar as novas tendências históricas que configuram uma crise de novo tipo da sociedade moderna. foi o primeiro sinal antecipado do triunfo da subversão da crítica radical do fetichismo. Seu segundo sinal será a superação emancipatória desta sociedade espetacular e sua substituição pela emancipação humana.

Nunca houve um período da história de Fortaleza, Ceará, Brasil e da humanidade em que a nossa vontade consciente tenha tido uma importância tão decisiva como tem agora para a suplantação do capitalismo no

seu limite interno e externo e conquista da emancipação.

Ontem, o Ceará inaugurou a libertação dos escravos.

Hoje, a Fortaleza Indignada lança a proclamação da emancipação da humanidade.

Um abraço,
Crítica Radical

Fortaleza, 27/novembro/2016

Fortaleza, 27 de novembro de 2016
www.criticaradical.org / criticaradical@gmail.com
Segunda a sexta de 12 às 14h - www.criticaradical.com.br
Programa Crítica Radical no Vivo - Rádio Bentão FM 51.8
Rua João Gentil, 47 - Praça da Gentilândia - Benfica

49 Envelope
Como se chama o grupo de trabalho?
Organização da comunidade - segunda
Associação de moradores

Arthur

Rua João Gentil, 47 – Praça da Gentilândia – Benfica
Programa Crítica Radical ao Vivo – Rádio Benfica FM 87,9
Segunda a sexta, de 12 às 14h – www.benficafm87.com.br
www.criticaradical.org / criticaradical@gmail.com
Fones: 85 985166253 / 30812956